



AMAZÔNIA SEM LEI

Vestígios de sangue no barco do suspeito

Segundo testemunha, lancha de Amarildo Oliveira teria ido atrás daquela em que estavam Dom Phillips e Bruno Araújo

» FABIO GRECCHI
» TAINÁ ANDRADE
» ISADORA ALBERNAZ*

Reprodução TV Globo



Amarildo logo depois que foi detido. Com ele foram encontrados cocaína e munição 762, utilizada em fuzil. Prisão temporária foi pedida

A perícia realizada pelas polícias Civil e Federal encontrou “muitas amostras” de sangue na lancha de Amarildo da Costa de Oliveira, o Pelado, de 41 anos, considerado o principal suspeito pelo desaparecimento do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo Pereira. O material genético, porém, ainda precisará ser analisado para concluir se é humano ou de algum animal. A previsão é de que o resultado saia em 30 dias.

“A Polícia Federal confirmou que a amostra foi localizada após inspeção na lancha, com uso de luminol. Além disso, amostras de digitais foram colhidas para serem confrontadas com as digitais dos dois desaparecidos”, diz o trecho da nota emitida pela corporação.

O material foi encaminhado para Manaus para ser analisado. Por causa desses vestígios, o delegado da Polícia Civil do município de Atalaia do Norte, Alex Perez Timóteo, pediu a prisão temporária de Amarildo — que estava detido para averiguação desde a última terça-feira.

O pescador foi preso em flagrante por posse ilegal de munição de uso restrito — calibre 762, usadas em fuzis — e por deter uma certa quantidade de cocaína. A região do desaparecimento de Bruno e Dom é conhecida por uma cadeia de crimes ambientais que se conectam com o tráfico de drogas e de armas.

Contra Amarildo pesa, também, a informação dada por uma testemunha, em depoimento, que viu o barco em que estavam o jornalista e o indigenista passar por ela e, pouco depois, cruzar com a lancha em que estava o pescador e outra pessoa ainda não identificada. Além disso,



A Polícia Federal confirmou que a amostra foi localizada após inspeção na lancha. Amostras de digitais foram colhidas para serem confrontadas”

Trecho da nota da Polícia Federal sobre os vestígios de sangue achados no barco de Amarildo

a embarcação em que estavam Dom e Bruno teria um motor menos potente (40hp) do que a de Amarildo (60hp), o que indicaria que poderiam ser alcançados e emboscados em algum local mais ermo.

Protestos

Duas manifestações, uma em Londres e outra em Los Angeles (EUA) — onde está o presidente Jair Bolsonaro, para participar na Cúpula das Américas — cobraram respostas sobre o desaparecimento de Dom e Bruno. Na capital inglesa, o ato organizado pelo Greenpeace contou com a presença da irmã do jornalista, Siam.

“Eles (as autoridades) podem

fazer mais, podem intensificar as buscas, colocar mais recursos para isso. E se houve alguma atividade criminosa, as pessoas buscarão justiça”, pediu a irmã de Dom, junto com um grupo de pessoas vestidas de vermelho e rosas da mesma cor. Todos levavam cartazes com os dizeres “Find Dom & Bruno” (Achem Dom e Bruno).

Já em Los Angeles, duas caminhonetes circularam com grandes telas de LED questionando o paradeiro do indigenista e do jornalista. Os telões traziam, ainda, uma imagem de queimada na Amazônia — onde se lia a legenda “Bolsonaro is burning the Amazon” (Bolsonaro está queimando a Amazônia) — e outra, com o rosto de

presidente, emoldurada com os dizeres “Liar in town” (Um mentiroso na cidade).

Além dos protestos, editores e responsáveis por importantes organizações e veículos de comunicação, no Brasil e no exterior — como os jornais *The Guardian*, *The Washington Post*, *The New York Times* — remeteram uma carta aberta ao presidente Jair Bolsonaro (PL) cobrando empenho nas buscas por Bruno e Dom. “Estamos muito preocupados com relatos do Brasil de que os esforços de busca e resgate até agora têm recursos mínimos”, diz um trecho do documento.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Exonerado após operação

A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) acusou a Fundação Nacional do Índio (Funai) de ter afastado Bruno Araújo Pereira da função que exercia na autarquia somente por “perseguição”. Segundo a entidade, tudo começou depois que ele atuou em uma operação, em 2019, que destruiu mais de 60 balsas de garimpo ilegal na Terra Indígena Vale do Javari. Logo depois, Bruno foi exonerado do cargo de coordenador-geral de Índios Isolados e de Recente Contato.

Segundo a Univaja, Bruno — que há mais de 11 anos atua como indigenista no Vale do Javari — é a maior autoridade no país no trabalho em campo especializado em índios isolados. Assegurou que ele estava autorizado a transitar pela região por ser integrante da Equipe de Vigilância da entidade, formada majoritariamente por indígenas.

A Univaja convidou Bruno a participar da força em razão de seu “notório saber”, além da “grande confiança que desperta” nas lideranças da instituição. “Bruno compreende pelo menos quatro das línguas dos povos do Javari e tem larga experiência no diálogo intercultural com essas populações, o que é um grande diferencial”, afirmou a entidade, em nota.

O Vale do Javari há anos vem sendo alvo de disputas de facções criminosas e atividades clandestinas. Um funcionário da Funai, Maxciel Pereira dos Santos, foi assassinado com dois tiros em Tabatinga, em 7 de setembro de 2019. Ele trabalhava há 12 anos fiscalizando a região.

Em novembro de 2019, a Base de Proteção Etnoambiental do Rio Ituí-Itacoá, dentro da Terra Indígena Vale do Javari, foi atacada a tiros — o oitavo consecutivo num período de 12 meses, segundo registrou o Ministério Público Federal. A pouca efetividade nas ações de proteção de indígenas e segurança na região levou o MPF a ajuizar uma ação civil Pública contra a União, pedindo maior investimento para as Frentes de Proteção Etnoambiental no Amazonas.

Por não cumprir a determinação de dar apoio necessário para garantir a segurança na região, a Justiça Federal aplicou multa diária de R\$ 10 mil à União em novembro de 2019.

Univaja rebate presidente da Funai sobre viagem

A Fundação Nacional do Índio (Funai) e a representação dos povos do Vale do Javari — onde Dom Phillips e Bruno Araújo desapareceram — entraram em conflito, ontem. Isso porque o presidente da autarquia, Marcelo Xavier, culpou o jornalista e o indigenista por terem viajado para a região sem o pedido de autorização para o órgão. A acusação foi feita numa

entrevista ao programa *Voz do Brasil*, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), porém, desmentiu a afirmação de Xavier. Por meio de nota, disse que a ida de Bruno estava registrada e autorizada, mas ele não chegou a entrar na terra indígena. Encontrou-se com Dom na

localidade de São Rafael e, juntos, voltaram a Atalaia do Norte.

“O documento foi assinado eletronicamente por Mislene Metchacuna Martins Mendes, coordenadora regional substituta, em 12/05/2022. Nos mesmos termos se expressa o ofício nº 34/2022/CR-VJ/Funai em resposta ao ofício 037/2022/Univaja (4084773), quando declara: (...) em resposta

ao ofício em epígrafe pelo qual vossa senhoria solicita autorização de ingresso na Terra Indígena Vale do Javari, especificamente nas aldeias Kumäya, Maronal Matkevaya, Morada Nova e São Sebastião, localizadas na calha do Rio Curuçá, objetivando participar de reuniões com o intuito de discutir sobre o território e estratégias indígenas para protegê-lo,

informamos sobre a viabilidade de autorizarmos o ingresso da equipe”, salienta a nota da Univaja.

Segundo Xavier disse na entrevista, é “muito complicado quando duas pessoas resolvem entrar na área indígena sem nenhuma comunicação formal aos órgãos de segurança, nem mesmo à Funai, que exerce sua atribuição dentro dessa área indígena”. (FG e TA)

VARIOLA DO MACACO

Confirmado o primeiro caso em São Paulo

O governo do estado de São Paulo confirmou, ontem, o primeiro caso da varíola dos macacos no Brasil. O paciente é um homem de 41 anos, que mora na capital paulista e tem histórico de viagem para Portugal e Espanha. Ele está internado no Instituto de Infectologia Emílio Ribas e, segundo a Secretaria estadual de Saúde, “em bom estado clínico”.

Todos os contatos do paciente

nas últimas semanas estão sendo monitorados pelas equipes de vigilância, de acordo com a pasta. A confirmação de que o paciente está infectado pela varíola dos macacos foi feita pelo Instituto Adolfo Lutz, após realização de diagnóstico diferencial de detecção por RT-PCR do vírus Varicela Zoster (com resultado negativo) e análise metagenômica do material genético, quando então foi identificado o genoma do

Monkeypox vírus.

Um segundo caso suspeito da doença, também no estado, é acompanhado desde a semana passada pelo Centro de Vigilância Epidemiológica (CVE) estadual e a pela Prefeitura de São Paulo. A paciente é uma mulher de 26 anos, que também mora na capital paulista. A Secretaria Municipal de Saúde afirmou que ela está internada em um hospital público, apresenta quadro clínico estável e não tem histórico de viagem recente nem de contato com casos suspeitos, a princípio.

Até a última quarta-feira, o Brasil acompanhava oito casos suspeitos da doença, nos Estados de São Paulo, Ceará, Mato

Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rondônia. Identificada pela primeira vez em macacos, a doença viral geralmente se espalha por contato próximo e ocorre principalmente na África Ocidental e Central.

Preocupação

Esse tipo de varíola raramente se espalha para outros lugares, daí a razão pela qual a onda de casos fora da África causa preocupação. Existem duas cepas principais: a cepa do Congo, que é mais grave, com até 10% de mortalidade, e a da África Ocidental, que tem uma taxa de mortalidade de cerca de 1%.

O vírus pode ser transmitido por meio do contato com lesões na pele e gotículas de uma pessoa contaminada, bem como por objetos compartilhados, como roupas de cama e toalhas. O período de incubação da varíola dos macacos é geralmente de seis a 13 dias, mas pode variar de cinco a 21 dias.

Os sintomas se assemelham, em menor grau, aos observados no passado em indivíduos com varíola: febre, dor de cabeça, dores musculares e nas costas durante os primeiros cinco dias. Além disso, são comuns as erupções cutâneas — na face, nas palmas das mãos e nas solas dos pés —, lesões, pústulas e, ao

final, crostas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os sintomas da doença duram de 14 a 21 dias.

De acordo com o Instituto Butantan, entre as medidas de proteção, autoridades orientam que viajantes e residentes de países endêmicos evitem o contato com animais doentes (vivos ou mortos) que possam abrigar o vírus da varíola dos macacos (roedores, marsupiais e primatas) e devem se abster de comer ou manusear caça selvagem. Higienizar as mãos com água e sabão ou álcool gel são importantes ferramentas para evitar a exposição ao vírus, além do contato com pessoas infectadas.